ISSN 1984-5634

ARTIGO

Negros a bumbar: Boi Caprichoso, sociabilidade e resistência em Manaus (décadas de 1920 a 1940)

Black drummers: Boi Caprichoso, sociability and resistance in Manaus (1920s to 1940s)

Júlio Bentes Lima Coimbra[1]

RESUMO

Este estudo analisa as experiências de pessoas negras na constituição da sociedade amazônica no pós-abolição, cujo debate busca a revalorização de saberes e práticas culturais em suas múltiplas formas de vi*vência n*a cidade de Manaus, dentre as quais, a brincadeira do "Boi Caprichoso", no bairro "Praça 14", que, em 2014, recebeu a certificação da Fundação Palmares como o segundo Quilombo Urbano do Brasil. As fontes, em especial, as notícias do *Jornal do Commercio* do Amazonas, em diálogo com a literatura local, de intelectuais e folcloristas, possibilitaram compreender como o bumbá promovia sociabilidade e lazer em seu curral e nos "subúrbios" da cidade, cujos organizadores e brincantes, grupos de homens negros, tornaram-se alvos da polícia devido às "touradas", isto é, o encontro de um bumbá com outro pelas ruas de Manaus, ainda assim, resistindo socialmente por meio da cultura.

Palavras-chave: Boi Caprichoso; Sociabilidade; Manaus.

ABSTRACT

This study analyzes the black people experiences in the Amazon society constitution in the post-abolition period, whose debate seeks revaluate cultural knowledge and practices in their multiple ways of living in the Manaus city, among which, the "Boi Caprichoso" game, from the "Praça 14" neighborhood, which, in 2014, received certification from the Palmares Foundation as the second Urban Quilombo in Brazil. The sources, in particular, the news from *Jornal do Commercio* do Amazonas, in dialogue with local literature, intellectuals and folklorists, made it possible to understand how bumbá promoted sociability and leisure in its corral and in the city's "suburbs", whose organizers and players, groups of black men, became targets of the police due to the "bullfights", that is, the encounter of a bumbá with another in the Manaus streets, even so, they resisted socially through culture.

Keywords: "Boi Caprichoso"; Sociability; Manaus.

EDITOR-CHEFE:
Lúcio Geller Junior

EDITORA-GERENTE:
Maria Eduarda Magro

SUBMETIDO: 30.11.2021
ACEITO: 03.01.2022

COMO CITAR:
Coimbra, J. B. L. Negros a bumbar: Boi Caprichoso, sociabilidade e resistência em Manaus (décadas de 1920 a 1940). *Aedos*, v. 14, n. 31, p. 91-110, jul.–dez., 2022.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

1 Mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor da Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (Seduc-AM). Contato: juninhobentes@hotmail.com

Naquela madrugada do dia 30 de junho de 1929, saíram às ruas, na época junina, dois bumbás conhecidos em Manaus: "Caprichoso" e "Mina de Ouro". Rivais há muito tempo, costumavam dançar nos seus locais de origem, Japurá-Praça 14 e Boulevard Amazonas, respectivamente. Por volta das duas horas meia, um encontro "inesperado" entre estes dois bois ocorreu em um dos "subúrbios" da cidade. Desafios lançados deram origem a um "fuzuê dos demônios"[2] que acabou em um crime: João Alves da Silva, que encenava a personagem Catirina, foi acertado pelas costas. O autor do crime, Nobilindo de tal, do boi "Mina de Ouro", sacou um punhal e atingiu a costela do brincante do contrário, fazendo com que ele caísse imediatamente ao chão. Para defender o seu companheiro de bumbá, um amigo de João Alves tomou posse de um "cano de ferro" e o jogou em direção a Nobilindo, abrindo-lhe uma brecha na cabeça. O desfecho da história narra que alguns brincantes foram levados à delegacia para serem testemunhas do caso. João Alves foi encaminhado ao hospital. Nobilindo fugiu.

Começo esta introdução apresentando resumidamente uma notícia do *Jornal do Commercio* do Amazonas, cujo título é "Ódio Velho", para evidenciar a presença mais intensa de bois-bumbás em Manaus, ainda na década de 20, sugerindo também um passado de conflitos e divergências entre o pessoal dos bois. A notícia permite compreender a imagem negativa que o periódico construiu sobre os bois nas primeiras décadas do século XX, bem como os personagens negros presentes na festa, a Mãe Catirina, encenada por um homem. Chama ainda atenção o fato de que os bois costumavam sair de seus currais para brincar em outros espaços urbanos, promovendo lazer àqueles moradores dos "subúrbios"[3] manauaras.

Como proposta de artigo, escolhi pesquisar sobre "Boi Caprichoso" por acreditar na necessidade de recuperar as experiências dos agentes do referido bumbá, trabalhadores negros, na constituição de uma cultura afrodiaspórica em Manaus no pós-abolição, pois, o referido boi foi criado em 1913, na Praça 14 de Janeiro, por Raimundo Fonseca e outros membros da família, família esta considerada a fundadora do bairro, o qual, em 2014, foi certificado pela Fundação Palmares como o segundo Quilombo Urbano do Brasil (ASSUNÇÃO, 2011; SILVA, 2011; LIRA, 2018).

Sobre o **pós-abolição,** Ana Rios e Hebe Mattos (2004, p. 170) escrevem que "com a abolição do cativeiro, os escravos pareciam ter saído das senzalas e da história, substituídos pela chegada em massa dos imigrantes europeus". Isso explica a demora em pesquisar a questão do pós-abolição em uma perspectiva social e cultural, já que, segundo as autoras, nos estudos sobre o processo de abolição no Brasil, privilegiou-se um ponto de vista econômico e político, com enfoque teórico na substituição dos trabalhadores negros do campo – a exemplo do que ocorreu no Oeste Paulista – por imigrantes europeus e o impacto na economia em consequência da queda demográfica da escravidão. Uma experiência generalizada do país, já que "os últimos cativos e seu destino após a abolição atraíram compaixão e simpatia, mas não pareciam apresentar seu maior potencial explicativo para a história do período" (RIOS; MATTOS, 2004, p. 170).

Contribui também para esta discussão o trabalho de George Andrew, discordando da "democracia racial", defendida por Gilberto Freyre, em trabalhos como Casa-Grande & Senzala, de uma suposta "união harmoniosa" de brancos e negros. Problematiza Andrew (1998) sobre a situação do negro no período que compreende desde a abolição até 1988, no estado de São Paulo – região mais afetada pelo

2 Termo usado pelo *Jornal do Commercio*, mais de uma vez, inclusive, para noticiar os encontros entre os bois Caprichoso e Mina de Ouro.

3 Expressão usada pelo *Jornal do Commercio* para se referir às áreas periféricas da cidade Manaus.

capitalismo moderno –, cujo estudo ressalta que as políticas adotadas pelos governantes, a exemplo do financiamento da mão de obra do imigrante europeu, é uma das ações do Estado como determinante para os cursos das relações raciais entre brancos e negros, aprofundando as desigualdades raciais e, como consequência, as desigualdades econômicas, sociais e políticas.

Os estudos de Salles (2005) e Costa (2021) tratam sobre como os agentes das festas dos bumbás – "pessoal do boi" – foram alvos das ações do estado do Pará por meio das repressões policias, pois os bumbás eram vistos como um grande incômodo para a manutenção da ordem na cidade de Belém. Em estudo pioneiro sobre os bumbás parintinenses, Braga (2002) escreveu sobre as raízes negras da festa, embora o Festival fale de uma suposta centralidade indígena. Ao citar Agassiz (1975, p. 80), ressalta as fogueiras que iluminavam as casas na época de São João, com "pretos" que rondavam as labaredas, entre cantos e danças, acompanhados pelo som dos tambores. Conforme Braga (2002), a obra "Viagem pelo Brasil", de Agassiz, compreende o boi-bumbá como uma festa que aponta para o contingente negro amazônico, cujas primeiras notícias dos bumbás na região remetem ao ano de 1850, nas cidades de Belém e Óbidos, à época, províncias do Pará. Geralmente, as festas em torno do boi eram consideradas atividades de pessoas baderneiras e marginalizadas, conforme registram os jornais locais. São eles que fazem referência ao "Boi Caiado", festejado na véspera de São Pedro, por mais de trezentas pessoas, entre elas, "pretas e pardos". A musicalidade aponta para esta conclusão:

> Na música da capoeira, dos bumbás e do batuque boi, os tambores são mencionados pelos autores como instrumentos fundamentais para a execução musical e promoção da dança – sendo que na capoeira, a partir da segunda metade do século XIX, o berimbau adquiriu primazia no conjunto instrumental, embora com as mesmas características de marcação rítmica dos tambores identificados em sua origem. Do ponto de vista musical, portanto, essas manifestações designadas originalmente como batuques, cuja estrutura musical e dança estariam intimamente relacionadas ao toque dos tambores, não devem ser lidas apenas como sinônimos de "desordem e toque desarmônico de tambores", posto que essa visão constitui uma interpretação parcial de um complexo cultural que tem o negro como protagonista (BRAGA, 2002, p. 39).

Em recente trabalho, Nakanome e Silva (2020), por meio de um panorama histórico, reforçam a "afrocentricidade" do boi Caprichoso, de Parintins, cujas reflexões possibilitam descolonizar a festa. Os autores problematizam como as festas amazônicas não passam alheias ao racismo, ainda que seja consenso a fundação dos bumbás de Parintins por homens negros nordestinos. No estudo, os pesquisadores também analisaram a apresentação do boi Caprichoso no festival de 2019, quando o bumbá levantou a bandeira de uma Amazônia que também é negra; tema considerado "polêmico", uma vez que os setores mais "conservadores" da cidade passaram a reivindicar uma festa "puramente" indígena, o que reverbera como o racismo também é um projeto de poder organizado pelas "elites" locais, que "ignoram" a presença e experiência negra na região.

Esta invisibilidade não é exclusiva da região norte do país, como é possível ver na pesquisa de Júlio Rosa (2011) sobre as sociedades afrodescendentes no sul de Santa Catarina na primeira metade do século XX. O estudo promove um rompimento deste silêncio em uma região do país em que "as populações de origem africana são destacadas como inexpressivas ou inexistentes" (ROSA, 2011, p. 53). Por meio de um conjunto robusto de fontes, entre Livros Atas, Estatutos dos Clubes (União Operária e Cruz e Souza), jornais e imagens antigas, o autor destaca a presença de populações de origens africanas

nos espaços urbanos – a exemplo da cidade de Laguna –, como no mercado de trabalho, em várias profissões: "domésticas", estivadores, agricultores, trabalhadores da estrada de ferro, entre outras. As sociedades recreativas possibilitavam às populações afrodescendentes mobilidade social, uma vez que por meio delas experenciavam sociabilidade, lazer e visibilidade. Este estudo, portanto, pluraliza a identidade local, uma vez que contrapõe a ideia da "não existência de afrodescendentes, que exerciam influência, seja na política ou na economia daquela cidade" (ROSA 2011, p. 53).

Ainda na mesma região do país, Marcus Rosa (2014) vai além desta invisibilidade para problematizar o racismo na capital do Rio Grande do Sul, no período imediato pós-abolição. Por meio de uma perspectiva da história social, o autor reflete sobre como a escravidão marca a história do Brasil, incluindo Porto Alegre, contrapondo as narrativas dos políticos veiculadas na imprensa, na tentativa de passar a imagem de uma província isenta de caos e desordem, supostamente inerentes **à** população africana. Este tipo de discurso escondia que os negros, os indígenas e as demais categorias jamais tiveram uma existência que pudesse ser considerada insignificante socialmente. Dito isto, não é nada ingênuo o silenciamento de negros na região sul do país, tendo em vista que sua presença era incompatível com os ideais de europeização na região, narrativa ainda vista frequentemente sendo reforçada pela imprensa, ao associar a região ao clima de inverno forte e "nevascas sulinas". "Retratado dessa forma, o Rio Grande do Sul – europeu, frio e distante – surge e ressurge sempre como um forte contraponto à imagem de um Brasil tropical e mestiço" (ROSA, 2014, p. 1).

Retomando os bois-bumbás, as notícias colhidas por meio do acervo do *Jornal do Commercio* do Amazonas, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, de maneira geral, demonstram como os bairros eram identificados pelas brincadeiras de bumbás, os quais, por meio de seus ensaiadores e brincantes, homens negros e populares, reivindicavam visibilidade. Também é possível encontrar relatos sobre a ação policial nas "touradas" dos bumbás, muitas das vezes ignoradas pelos brincantes devido às fortes rivalidades entre os cordões de boi, os quais disputavam os aplausos entre os moradores da cidade, divertindo grupos sociais marginalizados, possivelmente, uma das poucas formas de lazer experienciadas por eles.

As notícias de jornais, tradicionalmente porta-vozes dos interesses dos setores da classe dominante, são importantes para analisar o discurso feito pela imprensa. Segundo Campos (2021), a imprensa nos serve de forma dual: como fonte, mas também como objeto de análise. É importante destacar que os jornais promovem o confronto de falas, de ideias e práticas de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos. Assim, conforme Luca (2006), após a localização das fontes na imprensa, alguns procedimentos realizados foram considerados fundamentais: atentar às características de ordem material; caracterizar o material iconográfico; caracterizar o grupo responsável pela publicação; identificar os colaboradores e o público a quem se destinava; analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida.

A partir da década de 1940, intensificaram-se as notícias sobre a organização dos bumbás, seus personagens e as recorrentes danças que realizavam na redação do referido jornal, o que contribui para conhecer os seus dirigentes e compreender as estratégias acionadas por eles para manter viva a cultura com a qual se identificavam. Vale ressaltar que, no final dos anos 40, as brincadeiras juninas (bumbás, pássaros, garrotes, tribos e outras danças) foram organizadas em forma de disputas – as

"quadras joaninas" – por clubes recreativos e pela prefeitura de Manaus, com premiação aos vencedores dos concursos.

Nas décadas de 1930 e 1940, o Brasil vivenciou o período varguista (1930-1945), marcado pela centralização política e cultural, com intuito de unir o país sob a égide de um "novo Estado". A ideia de "Estado Novo" era romper com a imagem da "Primeira República", que supervalorizava os ideais europeus, para então construir uma imagem de "povo" e "nação", com uma nova política cultural de valorização das manifestações folclóricas, músicas e danças de caráter afrodescendente (GOMES; ABREU, 2009). Com efeito, a estratégia de construir uma identidade brasileira refletiu-se no interesse de estudiosos pelo folclore e nos jornais do Amazonas, tanto que são eles (*Diário da Tarde e O Jornal*) que institucionalizaram os concursos por meio da criação do Festival Folclórico do Amazonas, em 1957 (ANDRADE, 1978; COSTA, 2002).

Diante deste contexto sociocultural, questiona-se: como o "Boi Caprichoso" se constituiu representativo de sociabilidade, lazer e resistência protagonizados por negros em Manaus? Sem a pretensão de querer trazer à baila toda a história do bumbá, mas diminuir as lacunas historiográficas desta manifestação cultural, proponho reflexões acerca das articulações dos organizadores e brincantes na promoção da cidadania, reivindicando direitos e resistindo socialmente na cidade, cujo foco de investigação é nas décadas de 1920 a 1940, período que se tem mais informações sobre este bumbá, que interrompeu suas apresentações em 1971.

MANAUS E OS BUMBÁS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

No início do século XX, Manaus ainda vivia o apogeu da borracha. "A expansão da economia extrativa da borracha entre 1880 e 1910 contribuiu para a afluência de um volume considerável de trabalhadores para a região, cujo impacto tem sido sempre aferido pela lógica do seringal e de seus imperativos de produção" (PINHEIRO, 2014, p. 06). Nesta época, Manaus passou pelo primeiro grande surto de urbanização, transformando a "cara" da cidade, motivo pelo qual muitos imigrantes foram para o Amazonas. Neste mesmo contexto, motivados também pela seca que gerou fome na região, os migrantes nordestinos deixaram sua terra para se aventurar na *Belle Èpoque* amazônica.

Pinheiro (2014) escreve que a população de Manaus, em 1850, era inferior a 5 mil habitantes. Motivada pela expansão da economia extrativa da borracha, em 1920, a população da recém-criada Província do Amazonas aumentou significativamente. Fala-se em torno de 75 mil habitantes à época. Vale ressaltar que o projeto de modernização, no entanto, excluiu as classes mais pobres, segregando-os do processo de embelezamento da cidade (DIAS, 1999). De acordo com Pinheiro (2015), o momento expressa a modernidade burguesa e sua força ao impor elementos de "civilização" a "Paris das Selvas".

No período subsequente, nos anos 1920, a cidade já vivenciava os anos de "depressão" em decorrência da decadência do extrativismo da goma elástica. De acordo com Souza (2003, p. 167), Manaus presenciou "uma assustadora redução populacional e o índice de liquidez caiu a praticamente zero. Toda a infraestrutura de serviços urbanos da cidade começou a entrar em colapso". Houve falência da companhia de energia elétrica na cidade de Manaus.

É neste contexto histórico que Maria Laura Cavalcanti (2000), ao entrevistar o romancista e cineasta Márcio Souza, em 1999, registrou que antes do Festival Folclórico do Amazonas, os bois

costumavam brincar nas ruas escuras de Manaus, levando suas lamparinas para iluminar os caminhos. Márcio Souza, ao lembrar da sua infância, falou que era comum os bois saírem às ruas após os ensaios, dançando para políticos, pessoas ricas da cidade, ou para uma determinada comunidade que juntava dinheiro para pagar pela apresentação. E ainda que os bois se apresentavam duas vezes pela noite. Uma, às 18 horas e a outra, às 23 horas. Muitas vezes, as exibições dos bumbás causavam brigas quando um boi encontrava um dos seus rivais. Todos acabavam na polícia. "Na transição para o festival, os Bois (o Corre-campo, Malhado, e o Mina de Ouro, preto com uma estrela branca na testa) foram reduzindo o tempo de apresentação" (CAVALCANTI, 2000, p. 1026-1027).

Convém lembrar que a mais antiga referência que se tem de bumbás em Manaus[4] é de Robert Avé-Lallemant, que data o ano de 1859, quando o autor de "No Rio Amazonas" ouviu "cantoria e batuque sincopados" realizados por "gente de cor", organizados em multidão, com "trajes de mascarados, mas sem máscaras", iluminados pelas "chamas de alguns archotes". O mesmo autor ainda destaca alguns personagens: o "Tuxaua", com trajes indígenas, o "Pajé" feiticeiro e um "Boi". Observa o autor que as mulheres não participavam da encenação, citando o caso de "uma rapazola bem proporcionada", travestido de mulher do "Tuxaua". Também ressalta que o boi não era real, contudo, apresentava dois chifres verdadeiros, conduzido por um "homem que carrega essa carcaça na cabeça, e ajuda a completar a figura dum boi de grandes dimensões" (AVE-LALLEMANT, 1980, p. 106).

Acerca da citação acima, nota-se o destaque dado pelo autor à estrutura que o boi apresentava, com elementos que ainda hoje os bumbás mantêm: o "pajé" e o "tripa" (aquele que manipula o boi). Também fica evidente a surpresa do autor com a ausência de mulheres nas brincadeiras dos bumbás, sendo interpretadas por homens, situação semelhante ao que ocorreu em outros bumbás mais antigos da região (BRAGA, 2002; VALENTIN, 2005).

Contudo, parece ser a partir da década de 1920 que as festas juninas, com apresentação de cordões de pássaros, quadrilhas e bois-bumbás, despontam em Manaus, conforme escreveu Selda Costa (2002, p. 149), em seu artigo sobre o "boi-bumbá de antigamente".

> Na Cachoeirinha, talvez o bairro mais apegado às tradições regionais, havia as famosas correrias do Garantido, do Mina de Ouro e do Caprichoso. Nos anos 40, os bois se espalham por vários "currais" na cidade: Mina de Ouro, no Boulevard Amazonas, Caprichoso, na Praça 14, Garantido, na Cachoeirinha, Tira-Prosa, no Imboca, Vencedor, no Alto de Nazaré, Mineirinho, Canário, Pai do Campo, Teimoso, todos na Av. João Coelho, Dois de Ouro, no Educandos, Malhadinho, na Leonardo Malcher, Curinga, na Aparecida, e muitos outros mais.

Importante mencionar, mais uma vez, o estudo de Pinheiro (2015), para lembrar que a maior parte dos estivadores do Porto de Manaus, nas primeiras décadas do século XX, era de nordestinos que fixaram moradia em bairros de expansão da cidade, sobretudo, a Cachoeirinha. Portanto, vislumbra-se aqui que as festas dos bumbás eram importantes formas de promoção de lazer experienciada por estes trabalhadores.

4 Esta é, talvez, a terceira referência mais antiga de boi no país. Anterior, registra-se a presença de um boi em Recife, por meio do Jornal "O Carapuceiro", que data a presença da manifestação em 1840, em um artigo escrito pelo Frei Miguel de Sacramento Lopes Gama, no qual se observa a indignação do religioso frente ao escárnio pelo qual o sacerdote era representado no folguedo do boi. E, entre as duas referências, registra-se o boi "Caiado", encontrado em 1850 nos jornais de Belém e de Óbidos (CAVALCANTI, 2000).

A partir da década de 1930, iniciava-se no país o período denominado "Estado Novo", que "visava construir uma nova cultura nacional através da valorização de certas expressões afrodescendentes e populares; especialmente as músicas, definidas como sertanejas, folclóricas ou populares" (GOMES; ABREU; 2009, p. 10). "Vale lembrar, então, que tal período recebeu essa designação por obra dos políticos e intelectuais nele engajados, com a nítida intenção de acentuar sua força transformadora; na verdade, sua força revolucionária" (GOMES; ABREU; 2009, p. 02).

Em 1940, Getúlio, em visita a Manaus, "falava de 'exploração nacional das culturas, concentração e fixação do potencial humano'" (SOUZA, 2003, p. 170). No caso da Amazônia, Paiva (2002) dissertou sobre a construção de uma "cultura nacional", com especificidades da região amazônica e integrante da realidade brasileira, ao mesmo tempo. Com base nesse entendimento, há o empreendimento do trabalho de intelectuais como Mário Ypiranga Monteiro. Conforme escreveu Paiva (2002, p. 72), "ao longo das décadas de 1920 e 1950, [...] que a obra de Mário Ypiranga Monteiro ganha significado em relação ao "investimento" por ele feito em direção à definição de um "folclore amazônico"'. Os estudos desse autor[5], portanto, tinham uma preocupação em revelar a realidade regional, com seus elementos "autênticos", por meio da qual a diferenciaria das demais. Foi Monteiro (2016), quem registrou que:

> Em Manaus, na década dos vinte a oligarquia Rego Monteiro proibiu drasticamente o uso dos tambores tanto nos batuques como nos Bois-Bumbás. Para aqueles, principalmente, houve até arrasamento de terreiros (da conhecida Mãe Joana, na Cachoeirinha) e para estes a proibição inclusive de circulação nas ruas centrais por causa dos atritos costumeiros, brigas e facadas (MONTEIRO, 2016, p. 519).

Rego Monteiro chegou ao poder após vencer eleição para o Governo do Estado, em 1920 – resultado contestado pelos outros dois candidatos –, cuja gestão foi marcada por uma série de críticas à corrupção e aos privilégios dados à família de Rego e seus agregados, que levaram o Estado a enfrentar uma forte recessão econômica e crise financeira. A situação afetou diretamente as classes mais pobres, aumentando as desigualdades sociais: atraso nos pagamentos, desemprego e fome. Em protesto, os operários organizaram revoltas contra o governo. Em represália ao movimento operário do Amazonas, o governo estadual, fazendo uso do aparato judicial e político, ameaçou, perseguiu e prendeu os revoltosos (TELLES, 2016).

Acerca da citação acima, compreende-se como as práticas culturais associadas aos negros foram perseguidas de forma sistemática pela polícia, ao proibir o uso dos tambores, atribuindo aos instrumentos de percussão a causa da circulação de bois-bumbás pelas ruas de Manaus, que ocasionavam as agressões físicas entre os brincantes dos bumbás, o que corrobora também um histórico de violência pelo qual ainda passam as religiões de matrizes africanas.

Mais uma vez, o bairro Cachoeirinha em destaque. Tenório (2021), ao pesquisar sobre as pajelanças e cultos pretos em Manaus, na primeira metade do século XX, dissertou que a imprensa foi um instrumento de perseguição, condenação e humilhação aos pais e mães-de-santo e a outros agentes, pois os textos jornalísticos eram verdadeiras campanhas contra cultos e/ou práticas mágico-religiosas populares, denunciando os praticantes às autoridades policiais. Não por acaso, "a maior concentração de notícias sobre criminalização e perseguição das práticas em questão estava concentrada nos bairros

5 O regatão (1958); Roteiro do folclore amazônico (1964); O aguadeiro (1977); Aspectos da Cultura Amazônica (1986) são obras de Mário Ypiranga Monteiro.

periféricos de Manaus, sobretudo o bairro da Cachoeirinha" (TENÓRIO, 2021, p. 26). E não por acaso também o mesmo *Jornal do Commercio*.

É importante comentar que alguns cordões de bois e pássaros de Manaus foram fundados ou passaram a ser dirigidos por lideranças afrorreligiosas. Cabem citar o cordão de pássaro "Bem-ti-vi", da yalorixá Joana Galante, no bairro São Jorge; do bairro da Cachoeirinha, o pássaro "Papagaio", da senhora Joana Campos, mãe-de-santo; e o bumbá "Beija-Flor", sob a responsabilidade do Mestre Zé Preto, cantador que aos sete anos recebeu o bumbá de uma yalorixá (ANDRADE, 1978; ASSUNÇÃO, 2011).

Além dos já citados, o bumbá "Luz de Guerra", do bairro Cachoeirinha, nascido na década de 1930, fundado por dona Esperança Matos, uma negra maranhense iniciada da Religião Mina. Na brincadeira, à exceção de Manoel Raimundo Gomes, pai biológico de Mãe Zulmira, do Terreiro de Santa Bárbara, somente mulheres participavam, fato incomum para a época (ASSUNÇÃO, 2011). Tambor de Mina é uma religião afro-brasileira, dominante em São Luiz, com um riquíssimo panteão de divindades e entidades, tendo por principais representantes a Casa das Minas e a Casa Nagô (FERRETTI, 2001). Conforme escreveu Ferreti (2008), os terreiros de Mina no Maranhão são, predominantemente, dirigidos por mulheres. Inclusive, os mais antigos só aceitam mulheres nas rodas de dança. Mesmo os dirigidos por homens, as casas mais modernas têm em maior número a presença de mulheres, pois, historicamente, a função dos homens era tocar os instrumentos: era "ridículo" homem dançando mina.

Convém comentar que foram os maranhenses que fundaram dois tradicionais bois de Manaus, rivais de longa data: "Caprichoso", da Praça 14, em 1913, e "Mina de Ouro", da Boulevard Amazonas, em 1922 (ASSUNÇÃO, 2011). Conforme Tenório (2021), coube aos maranhenses a organização do Tambor de Mina em Manaus, onde tanto a religião como a brincadeira de boi foram alvos da repressão policial.

Na década de 1940, André Araújo (1974), citado por Costa (2002), lembra que os bumbás de Manaus eram acompanhados por "verdadeiras massas populares" que apreciavam bastante a encenação dos bois, lamentando a morte e celebrando a ressurreição do animal. Costa (2002) também registra a pesquisa de Moacyr Paixão e Silva, de 1944, para quem o mês "joanino" era um momento muito importante para as famílias, época que festejavam os bumbás nos bairros da Praça 14, Cachoeirinha, Boulevard e Educandos, tomando mungunzá, tapioca e aluá, oportunidade em que rompiam com as tristezas e as dificuldades da vida.

No entanto, o boi parece ter mudado bastante na visão do poeta Thiago de *Melo (in memorian)*. Conforme escreveu Costa (2002, p. 151), Thiago de Melo, no final da década de 1970, comentou sobre as transformações pelas quais os bumbás passaram, incluindo o uso da festa dos bois para promover determinados políticos. Antes do festival, na década de 1940, "o boi não era feito para turista, nem inglês ver. Era boi de verdade, feito mesmo para o povo". O poeta questiona a ameaça do fim da tradição nas apresentações dos bumbás, devido às "incorporações dos valores coreográficos, decorativos, rítmicos que nada têm a ver com a sua autenticidade original. Sem falar do bumbá para fins políticos e eleitorais".

Em conformidade com o pensamento de Thiago de Melo, Moacir Andrade (1978, p. 161), em "Alguns Aspectos da Antropologia Cultural do Amazonas", escreveu que, com o advento do Festival Folclórico, os "brincantes, muitos dos quais na ganância de conquistar os vários prêmios oferecidos pelos promotores [do evento], introduzem elementos estranhos, deturpando, dessa maneira, a estrutura original da expressão folclórica, fato que vem ocorrendo frequentemente".

Na mesma obra, Andrade (1978, p. 160) registrou que no mês de maio os tambores ritmavam "as toadas dos índios e vaqueiros que se preparavam para os grandes desfiles de junho quando os bois deixam os currais com seus brincantes", com fantasias confeccionadas com "roupagens coloridas de seda e veludos franceses" que distinguiam os personagens entre si, como o "Tuxaua" e o "Amo do Boi", os quais usavam roupas mais luxuosas, em contraste às vestimentas mais pobres, as "roupas remendadas" de personagens negros, como "Catirina", "Pai Francisco" e "Cazumbá". Estes últimos eram responsáveis por promover o riso dos espectadores, com suas estéticas cômicas e exageradas. Finaliza o autor explicando a particularidade da brincadeira, que tinha como base o drama de "Pai Francisco" para tentar trazer o boi de volta à vida, isto é, um ciclo de "matança à ressurreição". Depois desse momento, entre os brincantes e uma multidão que o acompanhava, saía o boi em direção às "casas de famílias e clubes previamente contratados", e também "vadeando noite adentro".

SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA: CAPRICHOSO, O BOI-BUMBÁ DO PEDAÇO

Considerado o "Berço do Samba", a Praça 14 de Janeiro, com o passar dos anos e o avanço do "progresso", parece ter mudado bastante. Alguns moradores questionaram o fim de algumas manifestações culturais. Este foi o caso do senhor José Maria de Jesus, um mecânico negro, de 54 anos, considerado um dos mais antigos do bairro. O *Jornal do Commercio* dedica uma página inteira para tratar do aniversário do bairro. Na matéria assinada por Osny Araújo, o entrevistado, apresentado como "descendente dos primitivos maranhenses", coloca em xeque o processo de urbanização pelo qual a Praça passou, contrariando a ideia da "modernidade" como algo extremamente positivo, pois, para ele, o bairro teria perdido um pouco da alegria de antigamente. Emocionado, fala o senhor José Maria sobre uma grande saudade: o boi "Caprichoso". A narrativa ainda menciona que:

> Alí onde está construída a Igreja – continuou – era laçado o boi Caprichoso, e em seguida feita a matança. Mas por falar em boi, o bumbá "Caprichoso" campeão de vários festivais, começou a sair em 1910. Era feito pelo velho Jeremias – hoje falecido – e as fantasias eram ricas e suas toadas eram bem ensaiadas. No momento o boi parece que não existe mais e quem estava no comando de tudo é o conhecido "Pedro Maia Velha", o melhor "Pai Francisco" que Manaus conheceu (JORNAL DO COMMERCIO, 15/01/1971, p. 10).

A narrativa chama atenção para o ano de fundação do bumbá, 1910, ou seja, anterior àquela oficialmente verbalizada. Também traz aspectos sobre as formas articuladas pelos moradores no que se refere à solidariedade, tendo em vista que, após a matança do boi, os brincantes faziam um grande churrasco, momento em que compartilhavam o sentido da vida com os demais moradores, demonstrando a fraternidade que a brincadeira proporcionava neste bairro negro. Nota-se, na fala de José Maria, o destaque que dá para alguns personagens que contribuíram para a manutenção da brincadeira, orgulhando-se de mostrar o capricho nas indumentárias e nas toadas, bem como a glorificação a que se refere quando cita um importante brincante do boi que encenava o "Pai Francisco", personagem negro na história do boi-bumbá.

Em Manaus, Silva (2011) escreveu sobre a presença de negros, descendentes de populações negras escravizadas, vindos do Maranhão, os quais fixaram residência no que é hoje o tradicional bairro da Praça 14, conhecidos pela festa em devoção ao negro São Benedito, padroeiro dos pobres.

A história afro inscreve-se na imagem do santo, esculpida em uma madeira conhecida como "pau d'angola", trazida de Portugal ao Maranhão por negros escravizados e do Maranhão para Manaus. Cultuava-se a imagem em Alcântara, com o toque do "tambor de crioula" pelos africanos. A autora apresenta laços de solidariedade e pertencimento de grupos negros em devoção a São Benedito que vieram para o trabalho na borracha. O trabalho trata dessas ambiguidades comuns na vivência de moradores de Manaus – muitos negros e negras constituíram moradia e trabalho na cidade, em um espaço comum: o quilombo de São Benedito, reconhecido pela Fundação Palmares como o segundo Quilombo Urbano no Brasil.

Outras duas autoras, em recentes trabalhos, debruçaram-se sobre os festejos de São Benedito do Quilombo da praça 14. Frota (2017) analisou o protagonismo feminino na festa. A pesquisadora estudou as experiências de mulheres negras na organização do festejo do santo: Safira, Salomé e Judith, entre outras. Mulheres polivalentes que, ao longo de sua trajetória de vida – donas de casa, costureiras, vendedoras de quitutes –, também desempenharam funções na luta pela preservação da festa. Nesta perspectiva, o trabalho possibilitou tirar do porão da história as práticas matriarcais como resistência cultural, suprimindo a hegemonia do patriarcado. São elas que fazem as rezas, as novenas, organizam a procissão do santo, apresentam a missa festiva e cozinham para o dia da festa. Dito isto, compreende-se o gênero como uma construção social – mulheres negras, sujeitas de decisão!

Para compreender o processo identitário da festa do santo preto, que teve seu início em 1890, em virtude das chegadas de negros do Maranhão, Lira (2018) – a segunda autora citada – analisou a construção da identidade do quilombo por meio das experiências de fé em São Benedito, festa centenária que contribuiu no processo de autodefinição, em 2014, como lugar de resistência e preservação da ancestralidade africana. A autora, por meio de uma apreensão etnográfica e entrevistas com participantes da festividade, pôde compreender as representações simbólicas na cultura, reconhecida como Patrimônio Cultural e Imaterial do Amazonas.

As lutas por emancipação estão associadas à liberdade e ao direito de ter referências próprias, sendo uma das principais formas de resistência para os moradores da Praça 14 as festividades do "Boi Caprichoso". Tradicional deste bairro da zona sul de Manaus, o "Caprichoso" tinha como dirigentes/diretores o senhor Ramiro Silva e a tradicional família Fonseca. A primeira referência encontrada no *Jornal do Commercio* data o ano de 1925. "Às vinte três e meia horas de hontem veio fazer-nos uma visita o Boi Caprichoso, que tem como seu director Ramiro Silva. Dançou bastante à nossa porta, tendo seu alegre pessoal entoado interessantes quadras" (JORNAL DO COMMERCIO, 30/06/1925, p. 01).

A nota do jornal, transcrita na íntegra, pode ser lida como uma estratégia organizada pelos agentes do bumbá, uma vez que ao levá-lo para dançar na redação do jornal, eventualmente, buscava conseguir apoio financeiro, visibilidade e reconhecimento. Valentin (2005, p. 17) registra que "até a década de 1960 os bois de Parintins eram convidados a dançar e brincar nos quintais das casas, iluminados pelas porongas[6] e pelas fogueiras, recebendo, em troca, iguarias juninas e, às vezes, também uma pequena soma em dinheiro". Embora pequena, a notícia acima reflete as contradições do jornal, pois, em dado momento, narrou as danças do bumbá como "interessantes quadras"; em outro, uma prática violenta. Importante reforçar que o periódico concedia um espaço bem maior ao noticiar os perigos que os encontros entre bumbás ofereciam.

6 Lamparinas ou luminárias feitas a partir de um recipiente de lata, geralmente um funil invertido, com o uso do combustível querosene em um tecido para manter a chama acesa por um bom tempo.

A partir dos anos 1940, as notas sobre as apresentações dos bumbás ganham mais espaço e frequência no jornal, provavelmente um reflexo do surgimento de mais bumbás e da intensificação das exibições do boi em frente à redação do periódico, os quais, por meio de versos, exaltavam o *Jornal do Commercio*: "Viva esta salva de palmas. Viva esta redação. Viva o Boi Caprichoso. Que este ano é campeão" (JORNAL DO COMMERCIO, 15/07/1947, p. 01). Os convites feitos para os redatores do periódico assistirem aos ensaios e a prestigiarem outros eventos importantes, como o batismo do "Boi Caprichoso", reforçam a ideia acima defendida, além de demonstrar que a imprensa jornalística passou a ser um instrumento de comunicação dos diretores do bumbá com a sociedade. Com efeito, era garantia de sucesso ter a presença de jornalistas na festa promovida pelo boi, na Praça 14:

> O ensaio geral de batismo do Boi "Caprichoso" – orgulho dos habitantes da praça 14, pois todos os anos têm sido um dos bumbás que melhor se apresenta durante a quadra joanina – terá lugar hoje, na sede do Grêmio Recreativo Popular "Boi Caprichoso", situada à rua Japurá, nº. 1383. Servirão de padrinhos o sr. Raimundo Rodrigues da Silva, funcionário do Palácio Rio Negro e a graciosa menina Marly Pereira dos Santos, filha do sr. Oscar Pereira dos Santos e sua exma. Esposa, d. Julia Pereira dos Santos. Para esta festa, que promete alcançar completo êxito, recebemos um amável convite (JORNAL DO COMMERCIO, 21/06/1947, p. 04).

O batismo, segundo Assunção (2011), consiste em ritual com a presença do padre com um ramo e uma garrafa d'agua, seguido dos padrinhos com suas velas. O batizado do bumbá é uma maneira de entregá-lo à comunidade, finalizando-o com um ensaio. Nota-se, portanto, a "cristianização" do bumbá, bem como as relações de apadrinhamentos que se estendem também à brincadeira, provavelmente, como uma estratégia de se estabelecer responsabilidades compartilhadas, uma prática comum quando se investiga a história de outros bumbás na região. Em Parintins, os bumbás Caprichoso e Garantido tinham os seus padrinhos, geralmente pessoas com maior poder aquisitivo, entre eles, os políticos locais e os comerciantes, em cujas residências costumavam dançar para conseguir algum tipo de ajuda (VALENTIN, 2005). Esta seria, portanto, uma legítima forma de manter as brincadeiras dos bumbás, fato que se pode verificar na notícia do *Jornal do Commercio*, um dos convidados para a celebração.

Cavalcanti (2013) escreveu que as relações de apadrinhamento podem ser interpretadas como umas das formas de resistência à escravidão. Ao pesquisar sobre as "rebeliões, fugas e resistências escravas" no Amazonas Provincial (século XIX), o autor observou que esta seria uma maneira de construir redes de parentesco, proporcionando mais proteção às crianças e até a sonhada liberdade, pois, os padrinhos escolhidos, embora não fossem os seus próprios senhores, faziam parte de grupos sociais com *status* bastante elevado: grandes comerciantes, proprietários de escravos, médicos, militares e funcionários do governo provincial.

Refletindo sobre esta estratégia adotada pelo boi "Caprichoso", um dos melhores e mais prestigiados da época, sem dúvida, as "alianças entre sujeitos desiguais ajudava a contrabalancear o peso da repressão policial" (COSTA, 2021, p. 200). Na época escravocrata ou no pós-abolição, a população negra encontrou meios de resistir pelo direito à liberdade e à cidadania cultural. Isto reflete como os bois reinventavam continuadamente suas práticas festivas. Com efeito, "os modos de ser e os modos de festejar do pessoal do boi estavam imbricados e, por isso, conectavam a conquista da fama com anseios correspondentes de cidadania, em escala mais ampla" (COSTA, 2021, p. 211).

O projeto "Nova Cartografia Social da Amazônia", organizado pelo professor Alfredo Wagner de Almeida (2007), retratou os aspectos sociais e culturais do Quilombo de São Benedito, da Praça 14 de Janeiro. Neste trabalho, algumas narrativas colhidas pelo pesquisador chamam atenção quando os entrevistados recordam da brincadeira do Boi "Caprichoso" na comunidade. O depoimento da senhora Marina Reis registra que somente os adultos participavam do boi, bem como reforça os laços de solidariedade constituídos pela vizinhança, e ainda os momentos de interação social, pois "[...] os vizinhos eram todos amigos. [...] Eles faziam uma festa muito organizada com: Vaqueiro, Índio, Pai Francisco, Catirina, Cazumbá, Mãe Maria e Rapaz. Então eles ensaiavam o Boi aqui na Praça" (ALMEIDA, 2007, p. 9). Após os ensaios, tomavam "um tacacá muito gostoso". Portanto, comer é um ato biológico e social (BAKTHIN, 1999).

Outras narrativas registradas no trabalho recordam a procedência do bumbá e a atuação de negros na brincadeira do boi, as quais invocam memórias e lugar de pertencimento, conforme é possível refletir nas recordações do senhor Valentin dos Santos, de 73 anos:

> Muita gente pensa que foi nascido aqui. O Boi veio do Maranhão com a família dos maranhenses: Mestre Manoel, Mestre Raimundo, Da. Paula, Da. Letícia. Da. Dulcinda, Sr. Ramiro, Sr. Raimundo Elísio Preto Velho [...]. Eu sempre tive amor pela minha geração, minha gente de cor, eu amo minha vida, gosto da brincadeira, gosto de viver (ALMEIDA, 2007, p. 10)

E ainda a narrativa do senhor Melquiades Braga, que brincou no bumbá na década de 60. Lembra seu Melquiades que o senhor Pedro "Come Feio", um maranhense que gostava da brincadeira, ficou responsável para botar o boi, após pedir autorização da família Fonseca. Segundo narrou, o boi mudou de dono e curral. Somente quando voltou a ter o curral na Japurá, Praça 14, brincou, uma vez que, antigamente, apenas adultos homens brincavam no bumbá, em concordância com a fala de dona Marina (ALMEIDA, 2007).

A imagem que segue apresenta o boi-bumbá de couro branco e coração na testa, isto é, diferente da cor e do símbolo consagrados pelo boi Caprichoso, de Parintins:



Figura 1 – "Caprichoso" com o amo Come Feio.
Fonte: Assunção (2011).

Assunção (2011) escreve sobre o mestre Raimundo Fonseca, filho da senhora Severa Nascimento Fonseca, que foi escravizada no Maranhão, indo para Manaus na época da borracha, fixando residência na atual Praça 14. Foi ele o fundador e ensaiador do bumbá "Caprichoso", em 1913, juntos dos irmãos Manoel e Antão, sua esposa Paula Maria e do senhor Ramiro Silva, paraense que também gostava da brincadeira. Negro e mestre de obras, levava o boi para brincar no terreiro dos moradores da comunidade, na época de São João. A trajetória do bumbá conta com o apoio de vários amigos de mestre Raimundo, que após a sua morte, em 1945, assumiram o comando do boi, que encerrou suas atividades em 1971, sob o comando da família de Luiz Gadelha.

Diante de exposto, contrastando a imagem de uma *Belle Èpoque* branca, não se pode mais dizer que no Amazonas não existiram negros e negras, embora fortemente enraizada no imaginário social a ideia de uma economia pautada no trabalho indígena – e posteriormente por nordestinos –, no auge da produção gomífera. Não se pode mais relegar a população negra ao esquecimento, bem como as festividades que organizaram em Manaus, a exemplo do boi-bumbá da Praça 14.

As narrativas possibilitam compreender que "pertencer ao pedaço significa também poder ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os "bandidos" da vila, de alguma forma, acatam" (MAGANANI, 1992, p. 193). É neste pedaço que os brincantes constituíam suas relações sociais, as quais se amplificavam quando eles percorriam por outros lugares da cidade, eventualmente, levando alegria para os moradores, ainda que causando desordem devido "aos abusos continuados e inexplicáveis" (JORNAL DO COMMERCIO, 26/06/1947, p. 05).

"VADIANDO" PELAS RUAS E CAUSANDO "DESORDEM" NA CIDADE

Moacir Andrade (1978, p. 161) escreveu que "os inimigos mais conhecidos de antigamente", isto é, antes do Festival, eram "Caprichoso" (couro branco) e "Mina de Ouro" (couro preto). "No silêncio da noite era comum ouvirem-se cânticos de guerra dos bois que desfilavam mais à procura de um encontro do que para uma 'matança'". Notam-se, portanto, conflitos e divergências, vigentes na época, entre os brincantes dos bumbás.

A notícia apresentada na introdução deste trabalho trata de um desses casos em que os eventos de bumbás no período junino foram alvos da ação policial para controlar as famosas "touradas", que aconteciam nas ruas de Manaus quando um boi se encontrava com o outro, semelhante ao que ocorria em Belém, cujos "encontros eram conflitos ritualizados que ocorriam quando se deparavam cordões de bois por ruas e praças a caminho de um lugar de apresentação" (COSTA, 2021, p. 197).

O título da reportagem, "Ódio Velho", narra que a "rivalidade entre o pessoal que organiza o bumbá, durante a época joannina, é coisa velha, que não há meio de apagar. Cada boi quer obter a primazia, os melhores aplausos do povo. Essas encrencas, em geral, são provocadas nas ruas, nos encontros de um boi com o outro" (JORNAL DO COMMERCIO, 30/06/1929, p. 01). Este trecho da reportagem comprova que os jornalistas já tinham certa familiaridade com as rivalidades e os eventuais encontros de bumbás pelas ruas da cidade, sugerindo que os bois deveriam permanecer em seus currais. As "quadrinhas alfinetadas", verbalizadas por meio de toadas, cantadas pelo "Amo", eram responsáveis por incitar o boi contrário: "Eu pizei, pizei, pizei/Eu pizei, porque aguento/ Eu pizei no Caprichoso/No arraial do Entroncamento" (JORNAL DO COMMERCIO, 30/06/1929, p. 01).

O desafio acima evidencia a rivalidade destes bumbás. A notícia, na verdade, denúncia, fala que o encontro dos bois, "por artes do Diabo", na rua Boulevard Amazonas (Entroncamento), no sábado, gerou "uma pancadaria grossa entre as tropas dos bumbás", apavorando mulheres e crianças do local. Tal episódio quase acabou em tragédia, após João Alves, "Catirina" do "Caprichoso", ter sido atingido por uma facada. Tiros foram ouvidos, porém, a origem ignorada. Nobilindo de tal, o autor do crime, do "Mina de Ouro", conseguiu fugir. Alguns brincantes dos bois foram presos e outros levados para serem testemunhas. João Alves foi levado para a Santa Casa, pois seu estado exigia maiores cuidados devido à facada na costela ter atingido o fígado. O *Jornal do Commercio* trouxe a reportagem "Ódio velho" em sua primeira página. Uma escrita extensa sobre o embate dos cordões de bois, denominado de "touradas de bumbás" que "tornou hontem a rubra madrugada", na qual podemos compreender como a imprensa contribuiu para estigmatizar os bumbás como violentos.

Na segunda-feira, mais informações sobre o caso. Com o título "O que já foi apurado", o *Jornal do Commercio* (02/07/1929, p. 01) escreveu sobre o desfecho da "scena de sangue", com mais informações sobre o autor do crime: Cenobilindo José da Costa. Na mesma reportagem, noticia um outro caso, cuja vítima, também de facada, não tinha mais esperanças de viver. Chama atenção o fato deste episódio não ter qualquer tipo de relação com o ocorrido pelo encontro dos bumbás, isto é, uma narrativa que procurava generalizar as saídas dos bois pelas ruas, reforçando a ideia de uma brincadeira violenta, motivo pelo qual os bumbás ganham status de perigosos, portanto, devendo estar sob o jugo da polícia.

Não é possível deixar de mencionar a associação das festividades experenciadas por negros com o "demônio/diabo", uma cultura histórica de "satanização" da figura do negro e suas práticas culturais no Brasil. Sobre isso, vale comentar o trabalho de Cunha (2001), que pesquisou sobre a história social do carnaval. Por meio de um conjunto de fontes, em especial, as jornalísticas, problematiza a autora as representações estereotipadas de pessoas negras (mascarados e capoeiristas). As fantasias carnavalescas de diabo, compreendidas como uma demonstração de revolta social, popularizaram-se no século XIX e, por várias décadas, era a preferência da população mais pobre carioca, causando um crescente temor nas elites, uma vez que a imprensa generalizava que os "capoeiras" costumavam praticar "diabruras": roubos, facadas, pernadas etc. Conforme explica, "mesmo com outras fantasias, os negros são associados à tradição carnavalesca dos diabos" (CUNHA, 2001, p. 39). A autora refere-se à associação, por meio de crônicas e ilustrações, entre os diabinhos e os negros capoeiras. Registra a autora a ilustração "O Mequetrefe", de 1886, de Angelo Agostini, "em que os cabelos de um homem negro assumem a forma de chifres do perigoso personagem para representar a chegada do Carnaval, e ao mesmo tempo, de seus perigos" (CUNHA, 2001, p. 38).

Em semelhante análise sobre o uso da imprensa para a manutenção da ordem, Costa (2021), em estudo sobre "o pessoal do Bumbá" do Pará, reflete como os jornalistas tinham uma certa "familiaridade" com o cotidiano dos bumbás, comunicando as autoridades policiais sobre as divergências entre os brincantes de alguns cordões de bois que levariam a possíveis conflitos quando dos encontros de velhos rivais: "Boi Canário" e "Pai do Campo". O autor observa que "o anúncio do [jornal] Estado do Pará pretendia prevenir esse tipo de acontecimento, que recebia muita atenção da polícia" (COSTA, 2021, p. 197).

Salles (2005) aponta para o histórico de perseguição às festas populares em Belém, em razão dos batuques realizados à noite, a exemplo do boi-bumbá, que tiravam o sossego da população, então

chamando a polícia para tomar providências, a fim de coibi-los; acusações estas baseadas no Código de Posturas Municipais, que proibiam o ajuntamento de escravos. O autor escreve que os escravizados condicionavam a continuidade da produtividade ao direito à descontração, ao descanso, momento no qual "os negros [...] festejavam Benedito e realizavam numerosas brincadeiras. Dançavam e folgavam livremente" (SALLES, 2005, p. 224).

O Bumba Meu Boi também foi alvo da repressão policial com apoio da imprensa. Martins (2018) escreve que a festa, por ser realizada por negros e negras, era considerada uma brincadeira de pessoas cuja camada social era menos privilegiada, gente de origens populares, motivo que justificaria as proibições da realização da festa no estado do Maranhão. Entre "brechas e proibições", no período do pós-abolição, "as festas e os batuques se constituíram como um espaço de luta no qual os sujeitos sociais que os promoviam resistiram e lutaram pelo seu direito de festejar" (MARTINS, 2018, p. 370).

Em Manaus, Assunção (2011, p. 159) menciona sobre a situação pela qual passou dona Esperança Matos ao organizar um boi, em 1937. Segundo o autor, ela "teve algumas dificuldades, pois chefe da polícia não gostou do nome Luz de Guerra. Dona Esperança, com muito jeito, explicou que a brincadeira era da paz e que haveria ordem e disciplina". Ao ter a licença concedida, o bumbá passou a sair nas ruas do bairro Cachoeirinha. A narrativa evidencia o controle que a polícia exercia sobre os bumbás, tornando-se a instituição com autonomia para autorizar ou impedir a continuidade dos bois pelas ruas da cidade.

A narrativa a seguir exemplifica a importância do bumbá para as classes menos privilegiadas, sendo o boi "Caprichoso" um valoroso instrumento de lazer, tanto para os brincantes como para os espectadores, ao romper com o cotidiano de trabalho intenso:

O boi bumbá "Caprichoso", da praça 14 de Janeiro, cordão tradicional em nossa capital, onde, por vários anos vem aparecendo anualmente, sempre conseguindo do povo os mais expontaneos aplausos. O bumbá "Caprichoso" se apresenta com inúmeros brincantes, trajados à capricho, como seu nome bem indica e tem os seus bailados perfeitamente ensaiados, o que lhe dá um aspecto agradável e interessante. [...] Merece, pois, o "Caprichoso" os aplausos que recebe em todos os pontos onde chega" (JORNAL DO COMMERCIO, 02/07/1949, p. 04).

Conforme se pode notar, os bumbás representavam as lutas de classes por intermédio da cultura festiva, buscando, por meio do lazer, exercitar "formas de expressão e de participação política em meio a situações de repressão policial e arranjos clientelísticos" (ABREU; DANTAS, 2011, p. 105).

Na década de 1940, as touradas de bumbás parecem não ter cessado, causando indignação por parte imprensa. No dia 26 de junho de 1947, o *Jornal do Commercio* apresentou um tópico para falar sobre o assunto. No texto, fica evidente o questionamento sobre a tradição do boi-bumbá, pois estava "perdendo, pouco a pouco, aquele esplêndido traço sensitivo que o folclore recomenda". O saudosismo, reforçado pela ideia de que os bumbás estavam deixando de lado "os transes emocionais dos personagens pitorescos" para dar lugar a "encontros sangrentos", são as motivações do periódico para alertar a polícia sobre a necessidade de controle rígido das brincadeiras dos bumbás, impedindo que indivíduos embriagados participassem, evitando, assim, "cenas degradantes e até fatais". O texto do jornal pode ser lido como um direito pelo qual os bumbás lutavam: prestígio em vários espaços da cidade. Este prestígio contribuía para que os clubes contratassem as apresentações do bumbá.

Duas semanas depois, o *Jornal do Commercio* fez uma pequena nota para falar sobre o concurso patrocinado pela Prefeitura Municipal de Manaus para escolher o melhor bumbá perante à comissão julgadora, sendo premiado com uma taça de campeão do ano:

> Às 20 horas de hoje, no arraial organizado à rua Leonardo Malcher, efetuar-se-á o concurso para a classificação do "bumbá" campeão de 1947. Concorrerão ao interessante torneio quase todos os "bois" que alegraram os festejos joaninos no corrente ano, como sejam: "Veludinho", "Campineiro", "Tira Prosa", "Teimoso", "Mina de Ouro", "Curinga", "Canario", "Caprichoso", "Galante", "Vencedor", "Treme-Terra", "Corre Campo", "Estrela D'Alva", "Beija Flor", "Relâmpago", "Malhadinho", "Dominante", "Garantido" e "Guanabara" (JORNAL DO COMMERCIO, 10/07/1947, p. 06).

A notícia demonstra a diversidade de bumbás que circulavam em Manaus na década de 1940, bem como evidencia a organização dos bumbás em termos de disputa para enfrentar diretamente os seus rivais em um espaço público para as apresentações, "lugar privilegiado de visibilidade e de trocas simbólicas" (COSTA, 2021, p. 197). Acerca da citação, é importante ressaltar que "os espaços "conquistados" para a diferença são poucos e dispersos, e cuidadosamente policiados e regulados" (HALL, 2003, p. 377).

As experiências de lazer por moradores de áreas pobres refletiam como as interações praticadas nos bairros suburbanos ganhavam destaque nas ruas centrais da cidade. A repressão às brincadeiras dos bumbás refletia como os hábitos de lazer das classes mais pobres eram alvos frequentes da ação disciplinadora da polícia. Os encontros, por vezes, denunciados pela imprensa, causavam "desordem" na cidade, motivo pelo qual o poder público, alicerçado pelos interesses da burguesia, procurou institucionalizar as brincadeiras de bois-bumbás em forma de disputa, para impedir que os bumbás continuassem vadiando pelas ruas da cidade e causando um verdadeiro "fuzuê dos demônios". Em outras palavras, uma "visibilidade cuidadosamente regulada e segregada" (HALL, 2003, p. 377).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os novos direcionamentos pelos quais passou a historiografia local possibilitaram analisar a presença e o legado da cultura afro e as experiências de sujeitos subalternizados como elementos de suma importância social e econômica. Trata-se de problematizar a questão negra no Brasil, com destaque para a Amazônia, cujas populações ainda vivem, em sua maioria, nas áreas periféricas, comunidades rurais; lugares onde as políticas públicas não chegam. Isto reflete o processo de abolição no país, de uma liberdade precária.

Portanto, a importância de debates como este fundamenta-se na possibilidade de recuperar as experiências de pessoas negras na constituição da sociedade amazônica no pós-abolição, cujo debate busca a revalorização de saberes e práticas culturais em suas múltiplas formas de viv*ência* na cidade, como também resistência às diversas formas de opressão: a imposição do modelo eurocêntrico e modos de vida forjados no período colonial, frequentemente acionados pelas elites locais, que se utilizaram das instituições públicas, como a polícia, para coibir as danças dos bumbás pelas ruas da cidade, tendo uma grande aliada: a imprensa!

A escrita deste artigo evidenciou as experiências e as articulações das classes trabalhadoras por intermédio da brincadeira do boi-bumbá Caprichoso, da Praça 14, a qual compartilhei de modo a

inquietar para realização de mais pesquisas sobre a temática dos bumbás em Manaus. As estratégias acionadas pelos agentes do bumbá demonstram múltiplas formas de resistência em defesa da cultura, a exemplo do uso da imprensa para se comunicar com a sociedade e positivar a sua imagem, ainda que o estilo e o formato das apresentações tenham passado por modificações quando os bois passaram a ser organizados em forma de disputa. Decerto, não existem configurações puras da cultura popular negra, pois suas "formas são sempre o produto de sincronização parciais, de engajamentos que atravessam fronteiras culturais [...], de negociações de posições entre posições dominantes e subalternas, de estratégias subterrâneas de recodificação e transcodificação" (HALL, 2003, p. 381).

Conclui-se ainda que as apresentações do boi "Caprichoso" podem ser entendidas como "sociabilidades festivas", isto é, uma forma lúdica de interação social em torno de contextos festivos, em que os brincantes tecem as identidades, constituindo lazer (COSTA, 2021). As experiências em torno da brincadeira do boi, articuladas por grupos de homens negros, trabalhadores pobres, indicam reivindicação por direito à cidade e à cidadania, experiências atravessadas por períodos que demonstram vivências, conflitos e solidariedades entre sujeitos históricos de/em um pedaço negro, na época "joanina" em Manaus.

REFERÊNCIAS

Fontes Digitais e Impressas

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de janeiro*. Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), Manaus, 2007. Disponível em: https://seppirhomologa.c3sl.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/3070/16.%20COMUNIDADES%20NEGRA%20SAO%20BENEDITO%20DA%20PRACA%2014.pdf?sequence=-1&isAllowed=y. Acesso 20 de out. de 2021.

ANDRADE, Moacir Couto de. *Alguns aspectos da Antropologia Cultural do Amazonas*. Manaus: Casa Editora Madrugada, 1978.

ASSUNÇÃO, Avaldir. *O auto do boi-bumbá - Corre Campo e outros Famas*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2011.

Jornal do Commercio. *Boi Caprichoso*. Edição 07607B. Manaus, 30 de junho de 1925.

Jornal do Commercio. *Bois Bumbás*. Edição 14475, Manaus, 26 de junho de 1947.

Jornal do Commercio. *Concurso da escolha do melhor bumbá*. Edição 14487, Manaus, 10 de julho de 1947.

Jornal do Commercio. *Festas Joaninas*. Edição 14472, Manaus, 21 de junho de 1947.

Jornal do Commercio. *O que já foi apurado*. Edição 08742, Manaus, 02 de julho de 1929.

Jornal do Commercio. *Ódio velho*. Edição 08741. Manaus, 30 de junho de 1929.

Jornal do Commercio. *Praça Quatorze: reduto do samba e de festas inesquecíveis*. Edição 20601 (1), Manaus, 15 de janeiro de 1971.

Jornal do Commercio. *Recreações: bumbás*. Edição 15094, Manaus, 02 de julho de 1949.

Jornal do Commercio. *Visitou a redação do Jornal do Comercio o "bumbá" campeão da cidade*. Edição 14491. Manaus, 15 de julho de 1947.

Bibliografia

ABREU, Martha; DANTAS, Carolina. É chegada a ocasião da negrada bumbar: comemorações da abolição, música e política na Primeira República. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 27, n. 45, p. 97-120, jan.-jun. 2011.

ANDRADE, Moacir Couto de. *Alguns aspectos da Antropologia Cultural do Amazonas*. Manaus: Casa Editora Madrugada, 1978.

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Tradução: Magda Lopes; revisão técnica e apresentação: Maria Lígia Coelho Prado. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998.

ASSUNÇÃO, Avaldir. *O auto do boi-bumbá - Corre Campo e outros Famas*. / Manaus: Edições Muiraquitã, 2011.

AVE-LALLEMANT, Robert. *No Rio Amazonas – 1859*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* – o contexto de François Rebelais. 4º ed. São Paulo: Hicetec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *O s bois-bumbás de Parintins*. Rio de Janeiro: Funarte/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. O sufrágio feminino e os embates na imprensa amazonense. In: *Nas malhas da história: relações de gênero, trabalho e lutas sociais no Brasil*/ Bárbara Rebeka Gomes de Lira, Michele Pires Lima (organizadoras) - Curitiba: CRV, 2021, p.85-100.

CAVALCANTE, Ygor Olinto Rocha. *Uma viva e permanente ameaça*: resistência, rebeldia e fugas de escravos no Amazonas Provincial. (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, v. 6, p. 1019-1046, 2000.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Boi de Fama:" Pessoal de bumbá", agentes do estado, jornalistas, literatos e a sociabilidade festiva nos subúrbios de Belém (décadas de 1920 e 1930). *Varia História*, v. 37, p. 185-216, 2021.

COSTA, Selda Vale da. Boi-bumbá, memória de antigamente. *Somanlu*: *Revista de Estudos Amazônicos*, [S.l.], v. 2, n. 2, p. p. 147-153, maio 2002.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DIAS, Edineia Mascarenhas. *A ilusão do fausto*: Manaus, 1890-1920. Manaus: Valer, 1999.

FERRETI, Mundicarmo. *Encantaria de "Barba Soeira"*. São Paulo: Siciliano, 2001.

FERRETTI, Sérgio. O culto e as divindades no Tambor de Mina do Maranhão. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisele Macambira (Orgs.). *Pajelanças e religiões africanas na Amazônia.* Belém: UFPA, 2008. p. 203-222.

FROTA, Karla Patrícia Palmeira. *Nas pegadas de um santo negro: a expressão feminina nos festejos de São Benedito na Praça Quatorze de Janeiro em Manaus, Amazonas*. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

GOMES, Ângela de Castro; ABREU, Martha. A nova "Velha" República: um pouco de história e historiografia. *Revista Tempo*, v. 13, n. 26, p. 1-14, 2009.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*/ Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende...[et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

LIRA, Lúcia Maria Barbosa. *Construção identitária da comunidade do barranco: festa de São Benedito*. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio de periódicos. In: *Fontes Históricas*/ Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

MAGNANI, José Guilherme C. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. *Revista de Antropologia*, 35: 191-203, 1992.

MARTINS, Carolina de Souza. Entre brechas e proibições: a experiência de brincantes negros do Bumba-meu-Boi no Maranhão no Pós-Abolição. In: ABREU, Martha et al (Org.). *Cultura Negra v*. 1: festas, carnavais e patrimônios negros. Rio de Janeiro: Faperj; Eduff, 2017. p. 369-394.

MONTEIRO, Mário Ypiranga (1909-2004). *História da Cultura Amazonense:* I e II. – Manaus: Fundo Municipal de Cultura, 2016.

NAKANOME, Ericky da Silva; SILVA, Adan Renê Pereira da. "Boi de negro": afrocentricidades no boi-bumbá caprichoso de Parintins. In: *Racismo e antirracismo: reflexões, caminhos e desafios* / organização Wesley Henrique Alves da Rocha. Curitiba, PR: Editora Bagai, 2021, p. 45-58.

PAIVA, Marco Aurélio de. *Identidade regional e folclore amazônico na obra de Mário Ypiranga Monteiro*. Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2002.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Imigração, trabalho e imprensa em Manaus, 1890-1928. *Revista Litteris,* n. 14, 2014.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus, 1899-1925. 3ª ed. Manaus: FUA, 2015.

RIOS, Ana; MATTOS, Hebe. O pós-abolição como problema histórico: balanço e perspectivas. *TOPOI*, v. 5, n. 8, p. 170-198, jan./jun. 2004.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas Rosa. *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918)*. Tese (Doutorado em história) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

ROSA. Júlio César da Rosa. *Sociabilidades e territorialidade: a construção de sociedades de afrodescendentes no sul de Santa Catarina (1903/1950)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/SC), Florianópolis, 2011.

SALLES, Vicente. *O negro no Pará sob o regime da escravidão*/ Vicente Salles. 3.ed. ver. ampl. Belém: IAP, Programa Raízes, 2005.

SILVA, Jamilly Souza da. A festa de São Benedito no bairro da Praça 14. In SAMPAIO, Patrícia M. (org.). *O Fim do silêncio – Presença Negra na Amazônia*. Belém: Açaí/CNPq, 2011. p. 173- 190.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense* – do colonialismo ao neocolonialismo. Manaus: Editora Valer, 2003.

TELES, Luciano Everton Costa. "O desmoronar do velho castello": o jornal a lucta social e a adesão a Rebelião Tenentista de 1924 em Manaus. *Oficina do Historiador*, v. 9, n. 1, p. 78-94, 2016.

TENÓRIO, Adriano Magalhães. *Pajelanças e Cultos Pretos em Manaus (1904 a 1940)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

VALENTIN, Andreas. *Contrários – A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins*. Manaus: Editora Valer, 2005.